

O Aleph de Jorge Luis Borges

Ó Deus! Eu poderia estar limitado em poucas palavras e me considerar um rei
do espaço infinito...

Hamlet, II, 2

Mas eles nos ensinarão que a Eternidade é a Paralisação do Tempo Presente,
um *Nunc-stans* (como as escolas o chamam); que nem eles, nem qualquer outra
pessoa entendem, assim como não entenderiam um *Hic-stans* para uma
grandeza infinita de lugar.

Leviatã, IV, 46

Na ardente manhã de fevereiro, Beatriz Viterbo morreu, depois de enfrentar uma agonia que nunca, nem por um só momento, deu lugar à autopiedade ou ao medo, notei que os outdoors nas calçadas ao redor da Constitution Plaza anunciavam uma ou outra marca nova de cigarros americanos. O fato me doeu, pois percebi que o vasto e incessante universo já estava escapando dela e que essa ligeira mudança era a primeira de uma série interminável. O universo pode mudar, mas eu não, pensei com uma certa vaidade triste. Eu sabia que às vezes minha devoção infrutífera a incomodava; agora que ela estava morta, eu poderia me dedicar à sua memória, sem esperança, mas também sem humilhação. Lembrei-me que dia 30 de abril era o aniversário dela; naquele dia, visitar sua casa na rua Garay e prestar homenagem a seu pai e a Carlos Argentino Daneri, seu primo-irmão, seria um ato de polidez irrepreensível e talvez inevitável. Mais uma vez esperava no crepúsculo da pequena e desordenada sala, mais uma vez estudava os detalhes das suas muitas fotografias: Beatriz Viterbo de perfil e a cores; Beatriz de máscara, no Carnaval de 1921; Beatriz na sua Primeira Comunhão; Beatriz no dia do casamento com Roberto Alessandri; Beatriz logo após o divórcio, num almoço no Turf Club; Beatriz em um balneário de Quilmes com Delia San Marco Porcel e Carlos Argentino; Beatriz com o cachorrinho pequinês que Villegas Haedo lhe deu; Beatriz, vista frontal e a três quartos, sorrindo, mão no queixo... Não seria obrigado, como no passado, a justificar a minha presença com modestas ofertas de livros - livros cujas páginas finalmente aprendi a cortar de antemão, para para não descobrir, meses depois, que eles estavam por aí fechados.

Beatriz Viterbo faleceu em 1929. Desde então, nunca mais deixei passar um dia trinta de abril sem visitar a sua casa. Eu costumava aparecer às sete e quinze em ponto e ficar lá por cerca de vinte e cinco minutos. Cada ano chego um pouco mais tarde e fico um pouco mais. Em 1933, uma chuva torrencial vindo em meu auxílio, eles

foram obrigados a me convidar para jantar. Naturalmente, aproveitei esse precedente feliz. Em 1934, cheguei, pouco depois das oito, com um daqueles grandes bolos açucarados de Santa Fé e, com naturalidade, fiquei para jantar. Foi assim, nesses aniversários melancólicos e vãmente eróticos, que cheguei às graduais confidências de Carlos Argentino Daneri.

Beatriz era alta, frágil, ligeiramente curvada; em sua caminhada havia (se o oxímoro for permitido) uma espécie de graça incerta, uma pitada de expectativa. Carlos Argentino tinha o rosto rosado, estava acima do peso, tinha cabelos grisalhos e traços finos. Ele ocupava um cargo secundário em uma biblioteca ilegível na periferia da zona sul de Buenos Aires. Ele era autoritário, mas também inexpressivo. Até recentemente, ele aproveitava as noites e os feriados para ficar em casa. Após duas gerações, o “S” italiano e os gestos italianos demonstrativos ainda sobreviveram nele. Sua atividade mental era contínua, profundamente sentida, abrangente e — em suma — sem sentido. Ele lidou com analogias inúteis e escrúpulos triviais. Ele tinha (assim como Beatriz) mãos grandes, bonitas e de formato fino. Durante vários meses ele pareceu obcecado por Paul Fort — menos por suas baladas do que pela ideia de uma reputação elevada. “Ele é o Príncipe dos poetas”, repetia Daneri tolamente. “Você irá menosprezá-lo em vão — mas não, nem mesmo a mais venenosa de suas flechas irá acertá-lo.”

No dia 30 de abril de 1941, junto com o bolo açucarado, me permiti acrescentar uma garrafa de conhaque argentino. Carlos Argentino provou-o, declarou-o “interessante” e, depois de alguns goles, lançou-se numa glorificação do estilo moderno.
homem.

“Eu o vejo”, disse ele com uma certa excitação inexplicável, “em seu santuário interior, como se estivesse na torre de seu castelo, abastecido com telefones, telégrafos, fonógrafos, aparelhos sem fio, telas de cinema, projetores de slides, glossários, horários, manuais, boletins...”

Ele observou que, para um homem tão equipado, viajar de fato era supérfluo. O nosso século XX inverteu a história de Maomé e da montanha; hoje em dia, a montanha chegou ao Maomé moderno.

Tão tolas me pareceram suas idéias, tão pomposas e tão prolongadas sua exposição, que imediatamente as relatei à literatura e perguntei por que ele não as escreveu. Como era de prever, ele respondeu que já o tinha feito — que estas ideias, e outras não menos marcantes, tinham encontrado o seu lugar no Proem, ou Canto Augural, ou, mais simplesmente, no Canto Prólogo do poema em que ele Trabalho há muitos anos, sozinho, sem publicidade, com alarde, apoiado apenas por aquelas equipes gêmeas universalmente conhecidas como trabalho e solidão. Primeiro,

ele disse, ele abriu as comportas de sua fantasia; então, pegando ferramentas manuais, recorreu à lima. O poema foi intitulado *A Terra*; consistia em uma descrição do planeta e, é claro, não carecia de digressões pitorescas e apóstrofes ousados.

Pedi-lhe que me lesse uma passagem, ainda que curta. Abriu uma gaveta de sua escrivaninha, tirou uma espessa pilha de papéis – folhas de um grande bloco impresso com o timbre da Biblioteca Juan Crisóstomo Lafinur – e, com retumbante satisfação, declamou:

Meus olhos, como os dos gregos, conheceram as cidades
e a fama dos
homens, As obras, os dias na luz que se transforma em
âmbar; Não mudo um fato nem falsifico um nome
— *A viagem* que estabeleci é... *autour de ma chambre*.

“De qualquer ângulo, uma estrofe muito interessante”, disse ele, dando seu veredicto. “A linha de abertura ganha os aplausos do professor, do acadêmico e do helenista – para não falar do aspirante a acadêmico, um setor considerável do público. A segunda flui de Homero a Hesíodo (homenagem generosa, desde o início, ao pai da poesia didática), não sem rejuvenescer um processo cujas raízes remontam às Escrituras – enumeração, amontoados, conglomeração. O terceiro – barroco? decadente? exemplo do culto da forma pura? — consiste em dois hemistiques iguais. A quarta, francamente bilíngue, garante-me o apoio irrestrito de todas as mentes sensíveis aos prazeres da pura diversão. Devo, com toda a justiça, falar da nova rima dos versos dois e quatro, e da erudição que me permite - sem o menor pingão de pedantismo! - para amontoar em quatro linhas três alusões eruditas que abrangem trinta séculos repletos de literatura - a primeira à *Odisséia*, a segunda a *Obras e Dias* e a terceira à bagatela imortal que nos foi legada pela caneta brincalhona da Sabóia, Xavier de Maistre. Mais uma vez percebi que a arte moderna exige o bálsamo do riso, o scherzo. Decididamente, Goldoni segura o palco!”

Ele leu para mim muitas outras estrofes, cada uma das quais também obteve sua própria aprovação e suscitou suas longas explicações. Não havia nada de notável neles. Eu nem os achei piores que o primeiro. A aplicação, a demissão e o acaso foram incluídos na redação; Percebi, entretanto, que o verdadeiro trabalho de Daneri não estava na poesia, mas na invenção de razões pelas quais a poesia deveria ser admirada. É claro que esta segunda fase do seu esforço modificou a escrita aos seus olhos, embora não aos olhos dos outros. O estilo de apresentação de Daneri era extravagante, mas o zumbido mortal de sua regularidade métrica tendia a suavizar e embotar essa extravagância.

[Entre minhas lembranças também estão alguns versos de uma sátira em que ele atacou impiedosamente com os maus poetas. Depois de acusá-los de vestirem seus poemas com a armadura guerreira da erudição e de baterem em vão suas asas inúteis, ele concluiu com este verso:

Mas eles esquecem, infelizmente, um fato importante – BELEZA!

Somente o medo de criar um exército de inimigos implacáveis e poderosos dissuadiu ele (ele me disse) de publicar destemidamente este poema.]

Apenas uma vez na minha vida tive oportunidade de olhar para os quinze mil alexandrinos do *Polyolbion*, aquele épico topográfico em que Michael Drayton registrou a flora, a fauna, a hidrografia, a orografia, a história militar e monástica da Inglaterra. Estou certo, porém, de que esta produção limitada mas volumosa é menos chato do que o vasto empreendimento semelhante de Carlos Argentino. Daneri tinha em mente preparada para percorrer toda a face do planeta e, em 1941, já havia despachado vários hectares do estado de Queensland, quase um quilômetro e meio do curso percorrido pelo rio Ob, uma fábrica de gás ao norte de Veracruz, o principal lojas em Buenos A paróquia de Concepción, em Aires, a vila de Mariana Cambaceres de Alvear, no bairro Belgrano da capital argentina, e um estabelecimento de banhos turcos não longe do conhecido Aquário de Brighton. Ele me leu certas palavras prolixas passagens de sua seção australiana, e a certa altura elogiou uma palavra de sua autoria cunhando, a cor "celestewhite", que ele sentiu "na verdade *sugere* o céu, um elemento de extrema importância na paisagem do Down Under. Mas esses hexâmetros extensos e sem vida careciam até mesmo da relativa excitação dos chamados Canto Augural. Por volta da meia-noite, saí.

Dois domingos depois, Daneri me telefonou — talvez pela primeira vez na vida. Ele sugeriu que nos encontrássemos às quatro horas "para coquetéis no bar-salão ao lado porta, que os visionários Zunino e Zungri - meus proprietários, como vocês sem dúvida, lembre-se - estão abertos ao público. É um lugar que você realmente vai querer para conhecer."

Mais por resignação do que por prazer, aceitei. Uma vez lá, foi difícil encontrar uma mesa. O "bar-salão", implacavelmente moderno, era apenas um pouco menos feio do que eu esperava; nas mesas próximas, os clientes entusiasmados falavam sem fôlego das quantias que Zunino e Zungri haviam investido em móveis, sem pensar duas vezes. Carlos Argentino fingiu estar surpreso com uma ou outra característica do arranjo de iluminação (com a qual, eu senti, ele já estava familiarizado), e disse para me com certa severidade: "A contragosto, você terá que admitir o fato de que essas premissas se comparam a muitas outras, muito mais aos olhos do público".

Ele então releu para mim quatro ou cinco fragmentos diferentes do poema. Ele tinha revisado seguindo seu princípio favorito de ostentação verbal: onde a princípio o “azul” tinha sido bom o suficiente, ele agora mergulhava em “azuis”, “cerúleos” e “ultramarinos”. A palavra “leitoso” era muito fácil para ele; no decorrer de um descrição apaixonada de um galpão onde a lã era lavada, ele escolheu essas palavras como “lácteo”, “lactescente” e até inventou um – “lactinaz”. Depois disso, diretamente, ele condenou nossa mania moderna de ter livros prefaciados, “uma prática já desprezada pelo Príncipe da Inteligência em seu próprio gracioso prefácio ao *Quixote*”. Ele admitiu, no entanto, que para a abertura de seu novo trabalho foi um prefácio que chama a atenção pode ser valioso - “um prêmio assinado por uma mão literária de renome”. Em seguida, ele disse que considerava publicar os cantos iniciais de seu poema. Comecei então a entender o inesperado telefonema; Daneri ia me pedir para contribuir com um prefácio para seu miscelânea pedante. Meu medo acabou sendo infundado; Carlos Argentino comentou: com admiração e inveja, que certamente ele não poderia estar muito errado ao se qualificar com o epíteto “sólido” o prestígio de que goza em todos os círculos por Álvaro Melián Lafinur, um homem de letras, que, se eu insistisse, ficaria muito feliz em fugir algumas encantadoras palavras de abertura do poema. Para evitar a ignomínia e fracasso, ele sugeriu que eu me tornasse porta-voz de dois dos inegáveis virtudes - perfeição formal e rigor científico - “na medida em que este vasto jardim de metáforas, de figuras de linguagem, de elegâncias, é inóspito até ao mínimo detalhe e não defende estritamente a verdade”. Acrescentou que Beatriz sempre foi tirada com Álvaro.

Concordei — concordei profusamente — e expliquei, por uma questão de credibilidade, que não falaria com Álvaro no dia seguinte, segunda-feira, mas esperaria até quinta-feira, quando nos reunimos para o jantar informal que segue cada reunião do Clube de Escritores. (Esses jantares nunca são realizados, mas é um fato estabelecido que o as reuniões acontecem às quintas-feiras, ponto que Carlos Argentino Daneri pude verificar nos jornais diários, e que deu uma certa realidade à minha promessa.) Meio profético, meio astuto, disse que antes de abordar a questão do prefácio delinearia o plano incomum da obra. Então nos despedimos.

Virando a esquina da Bernardo de Irigoyen, revi da forma mais imparcial possível as alternativas diante de mim. Eram: a) falar com Álvaro, contando-lhe a primeira prima da Beatriz (o eufemismo explicativo permitir-me-ia mencionar o seu nome) tinha inventado um poema que parecia prolongar ao infinito as possibilidades da cacofonia e do caos: b) não dizer uma palavra a Álvaro. Eu claramente previu que minha indolência optaria por b.

Mas na sexta-feira de manhã comecei a me preocupar com o telefone. Isso ofendeu me que aquele aparelho, que outrora produziu a voz irrecuperável de Beatriz,

poderia agora afundar tanto a ponto de se tornar um mero receptáculo para o que é fútil e talvez protestos irados daquele iludido Carlos Argentino Daneri. Felizmente, nada aconteceu - exceto o inevitável despeito provocado em mim por este homem, que tinha me pediu para cumprir uma missão delicada para ele e depois me deixou cair.

Aos poucos, o telefone foi perdendo o terror, mas um dia, no final de outubro, tocou e Carlos Argentino estava na linha. Ele estava profundamente perturbado, tanto que no início não reconheci sua voz. Com tristeza, mas com raiva, ele gaguejou que os agora desenfreados Zunino e Zungri, sob o pretexto de ampliar seu já descomunal "bar-salão", estavam prestes a assumir o controle e destruir abaixo desta casa.

"Minha casa, minha casa ancestral, minha antiga e inveterada casa na Rua Garay!" ele repetia, parecendo esquecer sua tristeza na música de suas palavras.

Não foi difícil para mim compartilhar sua angústia. Depois dos cinquenta anos, tudo muda torna-se um símbolo odioso da passagem do tempo. Além disso, o regime em causa uma casa que para mim representaria sempre a Beatriz. Tentei explicar esse delicado escrúpulo de arrependimento, mas Daneri pareceu não me ouvir. Ele disse que se Zunino e Zungri persistisse neste ultraje, o doutor Zunni, seu advogado, processaria *ipso facto* e fazê-los pagar cerca de cinquenta mil dólares por danos.

O nome de Zunni me impressionou; sua empresa, embora no endereço improvável de Caseros e Tacuarí, ainda assim era conhecido como antigo e confiável. Eu perguntei a ele se Zunni já havia sido contratado para o caso. Daneri disse que telefonaria para ele naquela mesma tarde. Ele hesitou, então com aquela voz impessoal e nivelada nós reserva para confidenciar algo íntimo, disse que para terminar o poema não poderia passar sem casa porque lá embaixo no porão havia um Alef. Ele explicou que um Aleph é um dos pontos no espaço que contém todos outros pontos.

"Está no porão, embaixo da sala de jantar", continuou ele, tão dominado pelas preocupações agora que ele se esqueceu de ser pomposo. "É meu... meu. Eu descobri isso quando eu estava uma criança, sozinho. A escada do porão é tão íngreme que meus tios me proibiram de usá-la, mas ouvi alguém dizer que havia um mundo lá embaixo. Descobri mais tarde que se referiam a um globo terrestre antiquado, mas na altura pensei que se referiam ao próprio mundo. Um dia, quando não havia ninguém em casa, eu comecei a descer em segredo, mas tropecei e caí. Quando abri os olhos, vi o Aleph."

"O Aleph?" Eu repeti.

“Sim, o único lugar na terra onde todos os lugares estão – vistos de todos os ângulos, cada permanecendo claro, sem qualquer confusão ou mistura. Guardei a descoberta para mim mesmo e voltei sempre que pude. Quando criança, não previ que esse privilégio me fosse concedido para que mais tarde pudesse escrever o poema. Zunino e Zungri não despoja-me do que é meu — não, e mil vezes não! Código legal em mãos, O doutor Zunni provará que meu Aleph é inalienável.”

Tentei argumentar com ele. “Mas o porão não está muito escuro?” Eu disse.

“A verdade não pode penetrar numa mente fechada. Se todos os lugares do universo estão no Aleph, então todas as estrelas, todas as lâmpadas, todas as fontes de luz estão nele também.”

“Você espera aí. Já vou aí para ver.

Desliguei antes que ele pudesse dizer não. O pleno conhecimento de um fato às vezes permite você verá ao mesmo tempo muitas coisas de apoio, mas anteriormente insuspeitadas. Isto me surpreendeu não ter suspeitado até aquele momento que Carlos Argentino era um louco. Assim como todos os Viterbos, no final das contas. Beatriz (eu mesmo costumei dizer isso) era uma mulher, uma criança, com poderes quase misteriosos de clarividência, mas o esquecimento, as distrações, o desprezo e um traço de crueldade também estavam nela, e talvez isso exigisse uma explicação patológica. Carlos Argentino a loucura me encheu de euforia rancorosa. No fundo, sempre detestamos um ao outro outro.

Na rua Garay, a empregada me pediu gentilmente que esperasse. O mestre estava, como sempre, em a adega revelando fotos. No piano não tocado, ao lado de um grande vaso que não segurava flores, sorria (mais atemporal que pertencente ao passado) o grande fotografia de Beatriz, em cores berrantes. Ninguém podia nos ver; num ataque de ternura, aproximei-me do retrato e disse-lhe: “Beatriz, Beatriz Elena, Beatriz Elena Viterbo, querida Beatriz, Beatriz agora se foi para sempre, sou eu, sou Borges.”

Momentos depois, Carlos entrou. Ele falou secamente. Pude ver que ele não estava pensando em mais nada além da perda do Aleph.

“Primeiro um copo de pseudoconhaque”, ordenou ele, “e depois você mergulha no porão. Deixe-me avisá-lo, você terá que se deitar de costas. Escuridão total, total imobilidade, e também será necessário um certo ajuste ocular. De andar, você deve focar seus olhos no décimo nono degrau. Assim que eu te deixar, eu vou abaixe o alçapão e você estará sozinho. Você não precisa temer muito os roedores muito - embora eu saiba que você vai. Em um ou dois minutos, você verá o Aleph – o

microcosmo dos alquimistas e cabalistas, nosso verdadeiro amigo proverbial, o *multum in parvo!*"

Quando estávamos na sala de jantar, ele acrescentou: "Claro, se você não vê, sua incapacidade não invalidará o que experimentei. Agora, desça. Em um daqui a pouco você pode tagarelar com *todas* as imagens da Beatriz."

Cansado de suas palavras fúteis, rapidamente segui meu caminho. A adega, pouco mais larga que a escada em si era uma espécie de buraco. Meus olhos procuraram a escuridão, olhando dentro vão para o globo de que Carlos Argentino havia falado. Alguns casos de garrafas vazias e alguns sacos de lona atulhavam um canto. Carlos pegou um saco, dobrou-o dois, e em um local fixo espalhe-o.

"Como travesseiro", disse ele, "este é bastante surrado, mas se for acolchoado mesmo que seja um centímetro mais alto, você não verá nada, e lá ficará deitado, sentindo vergonha e ridículo. Tudo bem agora, espalhe esse seu corpo no chão e conte dezanove passos."

Cumpri com suas exigências absurdas e, finalmente, ele foi embora. O alçapão foi cuidadosamente fechado. A escuridão, apesar de uma fresta que percebi mais tarde, parecia-me absoluta. Pela primeira vez, percebi o perigo que corria: eu deixei-me ser trancado num porão por um lunático, depois de engolir um copo cheio de veneno! Eu sabia que por trás da ostentação transparente de Carlos havia um profundo medo de que eu não pudesse ver a maravilha prometida. Para manter sua loucura sem ser detectada, para manter por admitir que estava bravo, *Carlos teve que me matar*. Senti um choque de pânico, que tentei atribuir à minha posição desconfortável e não ao efeito de uma droga. eu fecho meus olhos - eu os abri. Então eu vi o Aleph.

Chego agora ao cerne inefável da minha história. E aqui começa meu desespero como um escritor. Toda língua é um conjunto de símbolos cujo uso entre seus falantes pressupõe um passado compartilhado. Como, então, posso traduzir em palavras o Aleph ilimitado, que meu mente em dificuldades dificilmente pode abranger? Os místicos, confrontados com o mesmo problema, recorrem a símbolos: para significar a divindade, um persa fala de um pássaro que de alguma forma é todos pássaros; Alanus de Insulis, de uma esfera cujo centro é em todos os lugares e a circunferência não está em lugar nenhum; Ezequiel, de um anjo de quatro faces que ao mesmo tempo se move para leste e oeste, norte e sul. (Não é em vão que me lembro dessas analogias inconcebíveis; elas têm alguma relação com o Aleph.) Talvez os deuses possam me conceder uma metáfora semelhante, mas então este relato seria contaminado pela literatura, pela ficção. Realmente, o que eu quero fazer é impossível, pois qualquer listagem de uma série infinita está fadada a ser infinitesimal. Em naquele único instante gigantesco, vi milhões de atos deliciosos e terríveis; não um deles ocupava o mesmo ponto no espaço, sem sobreposição ou

transparência. O que meus olhos viram foi simultâneo, mas o que escreverei agora será sucessivo, porque a linguagem é sucessiva. Mesmo assim, tentarei lembrar o que posso.

Na parte de trás do degrau, à direita, vi uma pequena esfera iridescente de brilho quase insuportável. A princípio pensei que fosse giratório; então eu percebi que esse movimento era uma ilusão criada pelo mundo vertiginoso que circundava. O diâmetro de Aleph provavelmente era de pouco mais de dois centímetros, mas todo o espaço estava lá, real e inalterado. Cada coisa (uma face de espelho, digamos) era coisas infinitas, pois eu a via distintamente de todos os ângulos do universo. Eu vi o mar agitado; Vi o amanhecer e o anoitecer; Eu vi as multidões da América; Eu vi uma teia de aranha prateada no centro de uma pirâmide negra; Eu vi um labirinto lascado (é era Londres); Vi, de perto, olhos intermináveis olhando-se em mim como num espelho; Vi todos os espelhos da terra e nenhum deles me refletiu; Vi num quintal da Rua Soler os mesmos azulejos que trinta anos antes tinha visto no entrada de uma casa em Fray Bentos; Vi cachos de uva, neve, tabaco, filões de metal, vapor; Vi desertos equatoriais convexos e cada um dos seus grãos de areia; Vi uma mulher em Inverness que nunca esquecerei; Eu a vi enrolada cabelo, seu corpo alto, vi o câncer em seu seio; Eu vi um anel de lama cozida em um calçada, onde antes havia uma árvore; Eu vi uma casa de verão em Adrogué e uma cópia da primeira tradução inglesa de Plínio - de Philemon Holland - e todos ao mesmo tempo viam cada letra em cada página (quando menino, eu costumava me maravilhar com isso as cartas em um livro fechado não ficavam embaralhadas e perdidas da noite para o dia); Vi um pôr do sol em Querétaro que parecia refletir a cor de uma rosa em Bengala; Eu vi meu quarto vazio; Vi num armário em Alkmaar um globo terrestre entre dois espelhos que o multiplicaram infinitamente; Vi cavalos com crinas esvoaçantes numa costa do Mar Cáspio ao amanhecer; Vi a delicada estrutura óssea de uma mão; Eu vi o sobreviventes de uma batalha enviando cartões postais; Eu vi em uma vitrine em Mirzapur, um baralho de cartas espanholas; Eu vi as sombras oblíquas das samambaias piso de estufa; Vi tigres, pistões, bisões, marés e exércitos; Eu vi todos os formigas no planeta; Vi um astrolábio persa; Vi na gaveta de uma escrivaninha (e a caligrafia me fez tremer) cartas inacreditáveis, obscenas, detalhadas, que Beatriz havia escrito para Carlos Argentino; Eu vi um monumento que adorei no cemitério de Chacarita; Vi a poeira e os ossos podres que um dia foram deliciosamente Beatriz Viterbo; Vi a circulação do meu próprio sangue escuro; Vi a união do amor e a modificação da morte; Eu vi o Aleph de todos os pontos e ângulos, e no Aleph eu vi a terra e na terra o Aleph e no Aleph a terra; Vi meu próprio rosto e minhas entranhas; Eu vi seu rosto; e me senti tonto e chorei, pois meus olhos tinham visto aquele segredo e conjecturado objeto cujo nome é comum a todos os homens, mas que nenhum homem olhou – o universo inimaginável.

Senti uma admiração infinita, uma pena infinita.

“Você está se sentindo muito tonto, depois de tanto espionar lugares onde não tem nada a ver?” disse uma voz odiada e jovial. “Mesmo se você quebrasse a cabeça, você não poderia me pagar em cem anos por esta revelação. Que observatório e tanto, hein, Borges?”

Os pés de Carlos Argentino estavam plantados no degrau mais alto. Na penumbra repentina, consegui me levantar e dizer: "Um inferno de - sim, um inferno de um."

A naturalidade da minha voz me surpreendeu. Ansiosamente, Carlos Argentino passou.

“Você viu tudo – bem claro, em cores?”

Naquele momento encontrei minha vingança. Gentilmente, com pena abertamente dele, perturbado, evasivo, agradei a Carlos Argentino Daneri pela hospitalidade de sua adega e instei-o a aproveitar ao máximo a demolição para fugir da metrópole perniciosa, que não poupa ninguém — acredite, eu disse a ele, ninguém! Silenciosamente e vigorosamente, recusei-me a discutir o Aleph. Ao me despedir, abracei-o e repeti que o campo, aquele ar puro e sossego eram os grandes médicos.

Na rua, descendo as escadas da Estação Constituição, andando de metrô, cada um dos rostos me parecia familiar. Tive medo de que nada mais na terra me surpreendesse novamente; Tive medo de nunca mais me livrar de tudo o que tinha visto. Felizmente, depois de algumas noites sem dormir, fui visitado mais uma vez pelo esquecimento.

Pós-escrito de primeiro de março de 1943 - Cerca de seis meses após a demolição de um certo prédio na rua Garay, Procrustes & Co., os editores, não desanimados pela considerável extensão do poema de Daneri, publicaram uma seleção de suas “seções argentinas”. É redundante agora repetir o que aconteceu. Carlos Argentino Daneri ganhou o Segundo Prêmio Nacional de Literatura. [“Recebi seus dolorosos parabéns”, ele me escreveu. “Você se enfurece, meu pobre amigo, de inveja, mas você deve confessar – mesmo que isso te sufoque! – que desta vez coroei meu boné com a mais vermelha das penas; meu turbante com o mais *califa* dos rubis.”] O primeiro prêmio foi para o Dr. Aita; Terceiro Prêmio, ao Dr. Mario Bonfanti. Inacreditavelmente, meu próprio livro *The Sharper's Cards* não obteve um único voto. Mais uma vez a estupidez e a inveja triunfaram! Já faz algum tempo que venho tentando ver Daneri; o boato é que uma segunda seleção do poema está prestes a ser publicada.

Sua feliz caneta (não mais embaralhada pelo Aleph) se encarregou agora de escrever um épico sobre nosso herói nacional, o General San Martín.

Quero acrescentar duas observações finais: uma, sobre a natureza do Aleph; o outro, em seu nome. Como é bem sabido, o Aleph é a primeira letra do hebraico alfabeto. Seu uso para a esfera estranha na minha história pode não ser acidental. Para a Cabala, a letra representa *En Soph*, a divindade pura e ilimitada; isso é também disse que toma a forma de um homem apontando para o céu e para a terra, em para mostrar que o mundo inferior é o mapa e espelho do superior; para *Mengenlehre* de Cantor, é o símbolo dos números transfinitos, dos quais qualquer parte é tão grande quanto o todo. Gostaria de saber se Carlos Argentino escolheu esse nome ou se o leu — aplicado a outro ponto onde todos os pontos convergem - - em um dos inúmeros textos que o Aleph em seu porão revelou a ele. Por incrível que pareça, acredito que o Aleph da rua Garay era um falso Aleph.

Aqui estão minhas razões. Por volta de 1867, o capitão Burton ocupou o posto de comandante britânico Cônsul no Brasil. Em julho de 1942, Pedro Henríquez Ureña encontrou um manuscrito de Burton, numa biblioteca de Santos, tratando do espelho que o Oriental atributos do mundo a Iskander Zu al-Karnayn, ou Alexander Bicornis da Macedônia. No seu cristal refletia-se o mundo inteiro. Burton menciona outros dispositivos semelhantes – a taça sétupla de Kai Kosru; o espelho que Tariq ibn-Ziyad encontrou em uma torre (*Mil e Uma Noites*, 272); o espelho que Luciano de Samósata examinado na lua (*True History*, I, 26); a lança espelhada que o primeiro livro de atributos do *Satyricon* de Capella; O espelho universal de Merlin, que foi "redondo e oco... e parecia um mundo de vidro" (*The Faerie Queene*, III, 2, 19) — e acrescenta esta curiosa afirmação: "Mas os referidos objetos (além da desvantagem de não existirem) são meros instrumentos ópticos. Os fiéis que reunidos na mesquita de Amr, no Cairo, estão cientes do fato de que todo o universo fica dentro de um dos pilares de pedra que circundam seu pátio central... Ninguém, é claro, pode realmente vê-lo, mas aqueles que colocam o ouvido na superfície dizem que depois de algum tempo eles percebem seu zumbido agitado... A mesquita data do século VII; os pilares vêm de outros templos de religiões pré-islâmicas, visto que, como escreveu ibn-Khaldun: 'Em nações fundadas por nômades, a ajuda de estrangeiros é essencial em tudo o que diz respeito à alvenaria.'"

Este Aleph existe no coração de uma pedra? Será que eu o vi lá no porão quando vi todas as coisas, e agora o esqueci? Nossas mentes são porosas e o esquecimento se infiltra; Eu mesmo estou distorcendo e perdendo, sob o desgaste dos anos, o rosto de Beatriz.

El Aleph, 1945. Tradução de Norman Thomas Di Giovanni
em colaboração com o autor.